

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

A intervenção americana no Afeganistão foi um fracasso em todos os sentidos [American intervention in Afghanistan was a failure in every sense]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-04 00:41:14
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/159295">http://hdl.handle.net/20.500.12424/159295</a>

# “A intervenção americana no Afeganistão foi um fracasso em todos os sentidos”

O jornalista Luiz Antônio Araújo descreve os episódios que marcam os conflitos no mundo árabe a partir de sua experiência como repórter na região do Afeganistão e Paquistão

POR MÁRCIA JUNGES E GRAZIELA WOLFART

“**A**s implicações do conflito no Afeganistão, hoje, são mais regionais do que globais. Mesmo a Al Qaeda está totalmente desinteressada quanto ao que ocorre no país. Trata-se, porém, da mais longa guerra travada pelos Estados Unidos além de suas fronteiras”. A análise é de quem esteve na região do Afeganistão e Paquistão e acompanhou de perto o que descreve. O jornalista Luiz Antônio Araújo concedeu a entrevista a seguir para a **IHU On-Line**, por e-mail, onde afirma que “o 11 de Setembro foi um atentado terrorista sem precedente contra alvos civis americanos que simbolizam o poderio econômico, militar e político do país – o World Trade Center, o Pentágono e provavelmente o Capitólio (para onde se supõe que iria o Boeing que caiu na Pensilvânia). Foi um ato bárbaro, um verdadeiro crime contra

a humanidade, no qual pereceram mais de três mil pessoas, muitas delas muçulmanas, sem qualquer relação com a política externa ou interna dos EUA”. Para ele, o mais marcante da experiência que viveu foi o contato com os refugiados (homens, mulheres e crianças). “Não há condição mais degradante para o ser humano do que a de refugiado”, recorda.

Luiz Antônio Araújo é editor de Cultura do jornal Zero Hora. Enviado pelos veículos da RBS ao Paquistão, cobriu a guerra do Afeganistão em 2001. Como editor, participou das coberturas das guerras do Iraque (2003) e da Faixa de Gaza (2009). Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria. É autor do livro *Bin Ladenistão – Um repórter brasileiro na região mais perigosa do mundo* (São Paulo: Iluminuras, 2009).

Confira a entrevista.

**IHU On-Line – Para quem vive no Ocidente e não compreende os conflitos do mundo árabe, como resumiria o que houve logo após os ataques aos EUA?**

**Luiz Antônio Araújo** – O 11 de Setembro foi um atentado terrorista sem precedente contra alvos civis americanos que simbolizam o poderio econômico, militar e político do país – o World Trade Center, o Pentágono e provavelmente o Capitólio (para onde se supõe que iria o Boeing que caiu na Pensilvânia). Foi um ato bárbaro, um verdadeiro crime contra a humanidade, no qual pereceram mais de três mil pessoas, muitas delas muçulmanas, sem qualquer relação com a política externa ou interna dos EUA. Esse é um crime punido com severi-

dade pelas leis de qualquer país do mundo, incluindo os islâmicos. Não se tratou, porém, de um raio em céu azul. O próprio World Trade Center havia sido alvo de uma tentativa frustrada de atentado em 1993. Mais tarde, entre 1995 e 1998, houve atentados a bases americanas na Arábia Saudita, explosões simultâneas em embaixadas na Tasmânia e no Quênia e ataque a um destróier (o U.S.S. Cole) no Iêmen. Esses ataques não podem ser entendidos separadamente da presença americana no Oriente Médio, especialmente na Arábia Saudita, da I Guerra do Golfo, em 1991, e do apoio dos EUA a Israel no conflito israelense-palestino. Os desdobramentos do 11 de Setembro, porém, foram absolutamente favoráveis aos EUA. Dois países

(Afeganistão e Iraque) foram invadidos, centenas de milhares de pessoas morreram e um dos governos mais retrógrados da história americana, o de George W. Bush, pôde correr mundo sob a bandeira da guerra ao terror.

**IHU On-Line – Como era o dia a dia de repórter na região do Afeganistão e Paquistão?**

**Luiz Antônio Araújo** – Eu me acordava por volta de 5h, lia os jornais impressos e na internet e saía a campo. Como a diferença de fuso horário entre o Paquistão e o Brasil é de oito horas, eu podia apurar material durante toda a manhã antes de fazer minha primeira participação na Rádio Gaúcha, normalmente no Gaúcha Atualidade. Depois disso, me dedicava a

produzir material para o jornal impresso do dia seguinte. Também entrava no Chamada Geral (primeira e segunda edições) e, eventualmente, no Brasil na Madrugada. Também participei do Jornal do Almoço, do Teledomingo e da programação da TVCOM. Desloquei-me bastante pelo Paquistão (estive nas quatro províncias do país e nas regiões tribais), cheguei à fronteira com o Afeganistão, onde vi milicianos talibãs assediando a população civil, vi e entrevistei muitos afegãos.

**IHU On-Line – O que mais marcou a sua memória como ser humano nesses dias em que acompanhou o conflito?**

**Luiz Antônio Araújo** – O mais marcante foi o contato com os refugiados<sup>1</sup> (homens, mulheres e crianças). Não há condição mais degradante para o ser humano do que a de refugiado.

**IHU On-Line – Que tipo de valores justificam e explicam esse tipo de conflito na cultura local?**

**Luiz Antônio Araújo** – Afegãos têm uma forte noção de nacionalidade, que tem uma explicação histórica. O Afeganistão foi criado como Estado nacional no século XVIII. Como Estado-nação, é mais antigo do que a Alemanha, a Itália e o Brasil. Na mentalidade dos afegãos comuns, porém, a noção de pertencimento a um Estado-nação vem depois da de pertencimento e lealdade à etnia e ao clã. O Afeganistão é uma colcha de retalhos étnica e religiosa, mas os afegãos se orgulham de ter vencido os britânicos em três guerras nos séculos XIX e XX e de ter expulsado os soviéticos depois de nove anos de ocupação. Dificilmente seria possível estacionar tropas estrangeiras de forma permanente no Afeganistão, diferentemente do que ocorre em outros países muçulmanos.

**IHU On-Line – Como analisa o posicionamento americano nesse conflito?**

**Luiz Antônio Araújo** – Creio que a intervenção americana no Afeganis-

## “A intervenção americana no Afeganistão foi um fracasso em todos os sentidos”

tão foi um fracasso em todos os sentidos. O objetivo declarado da guerra era dismantlar a rede Al Qaeda e seus aliados e instaurar um regime democrático que impedisse organizações terroristas de ter abrigo em solo afegão. A Al Qaeda foi dismantlada no Afeganistão, mas apenas para ressurgir com força no norte da África, no Iêmen e no Iraque. Bin Laden foi localizado e morto uma década depois, mas seu porto seguro era o Paquistão, país que, em tese, é aliado dos EUA, do qual recebe ajuda econômica e militar milionária. O regime de Hamid Karzai, apoiado pelos americanos, é corrupto e patrocina o tráfico de drogas. O Talibã está de volta ao Afeganistão, promovendo atentados contra alvos americanos até mesmo na capital, Cabul (durante a ocupação soviética, os rebeldes jamais puseram os pés na cidade). O país está mais miserável, obscurantista e temeroso pelo futuro do que nunca.

**IHU On-Line – E quanto à intervenção de outros países, qual é a sua percepção?**

**Luiz Antônio Araújo** – Trata-se de uma guerra impopular em toda parte. O presidente eleito da França, François Hollande, já anunciou a intenção de retirar o contingente francês da Isaf (a força da Otan) até o final do ano. O Canadá e a Itália seguem pelo mesmo caminho. Apenas a Grã-Bretanha se submete sem pestanejar ao cronograma americano. Mas a intervenção mais nefasta é a do Paquistão, porque se dá de forma não declarada. Os militares paquistaneses consideram o Afeganistão como um fator de “profundidade estratégica” em seu conflito com a Índia e não abrem mão de intervir nos destinos do país. Qualquer soldado americano em serviço no Afeganistão sabe que o verdadeiro fator

de instabilidade no país está do outro lado da fronteira, no Paquistão.

**IHU On-Line – Qual é o sentido da “guerra global ao terror”?**

**Luiz Antônio Araújo** – Os herdeiros de Carlos Magno erigiram na Europa Central um reino chamado de Sacro Império Romano. Alguns dizem que essa denominação continha um triplo equívoco: o reino não era Sacro, nem Império, nem Romano. Com a dita guerra global ao terror, ocorre algo parecido: não foi guerra, nem global, nem ao terror. Essa expressão foi utilizada pelo governo George W. Bush para dar a ideia de que havia uma continuidade entre a resposta ao 11 de Setembro e a invasão do Iraque, de que eram operações complementares, inseparáveis uma da outra. Nada mais falso. Mesmo a Operação Liberdade Duradoura, como se chamou a invasão do Afeganistão, não se sustentava como resposta ao 11 de Setembro depois dos primeiros 20 dias de ataques. Nesse período, o governo talibã foi dismantlado, e o próprio governo americano admitiu que estava bombardeando areia. Não houve uma verdadeira guerra global ao terror, e o próprio governo Obama abandonou essa expressão nos seus primeiros meses.

**IHU On-Line – De que forma podemos compreender a morte de Bin Laden exatamente dez anos após o ataque às Torres Gêmeas?**

**Luiz Antônio Araújo** – Em que pese ter sido um criminoso, Bin Laden passou a ser visto como um símbolo de insubmissão aos Estados Unidos em todo o mundo islâmico depois do 11 de Setembro. Suas prédicas eram reproduzidas em emissoras de televisão e sites, e ele, apesar de envelhecido e doente, viveu em relativa segurança no Paquistão por quase 10 anos. É curioso que tenha sido capturado em Abotabad, a poucas dezenas de quilômetros da capital paquistanesa. Essa cidade é sede da principal academia militar paquistanesa, e ele tinha como vizinhos militares de alto escalão da reserva. Quem comprou o terreno do imóvel? Como foi construída a casa? Quem se relacionava com ele? Por que os EUA fizeram a Operação Geronimo sem revelar nenhum detalhe ao Pa-

1 Sobre o tema dos refugiados, confira a edição 362 da Revista IHU On-Line, de 23-05-2011, intitulada *Refugiados, uma diáspora em tempos globais*, disponível em <http://bit.ly/jlfG0J>. (Nota da IHU On-Line)

quistão? Quando forem respondidas, essas e outras perguntas revelarão muito sobre o verdadeiro papel do Paquistão na fuga de Bin Laden.

**IHU On-Line – Como a população reagiu à morte de Bin Laden?**

**Luiz Antônio Araújo** – A morte de Bin Laden foi mais um episódio na deterioração progressiva das relações entre Estados Unidos e Paquistão. Soma-se a fatos como a prisão (e posterior libertação sob fiança) de um empregado contratado pela CIA após matar um paquistanês e a um ataque de uma aeronave não tripulada americana a uma unidade do exército paquistanês na zona tribal. Do ponto de vista americano, ainda é melhor manter os laços com o Paquistão (leia-se com os militares paquistaneses) do que rompê-los, como ocorreu nos anos 1990, e correr o risco de assistir a uma nova escalada bélica contra a Índia ou no interior do Afeganistão.

**IHU On-Line – Por que nomeou seu livro de *Binladenistão*? Como ele é visto em seu país de origem?**

**Luiz Antônio Araújo** – Esse nome remete a um território em que Bin Laden não é visto como um criminoso, mas como um bom muçulmano e um herói. O *Binladenistão* compreende o Paquistão, o Afeganistão, partes da Península Arábica, da África e da Ásia. É uma nação zumbi. Não está no mapa, mas dá sinal de vida a cada atentado promovido ou inspirado pela Al Qaeda.

**IHU On-Line – Que implicações esse conflito ainda pode trazer para o mundo como um todo?**

**Luiz Antônio Araújo** – As implicações do conflito no Afeganistão, hoje, são mais regionais do que globais. Mesmo a Al Qaeda está totalmente desinteressada do que ocorre no país. Trata-se, porém, da mais longa guerra travada pelos Estados Unidos além de suas fronteiras. Ninguém deixará de ter curiosidade sobre seu desfecho, assim como não se lê Guerra e Paz até o último capítulo, sem conhecer o epílogo.

**IHU On-Line – Como analisa a cobertura da mídia a respeito dos conflitos no mundo árabe?**

**Luiz Antônio Araújo** – Acho que a imprensa mundial tem falhado na cobertura do mundo islâmico como um todo. Falta-nos conhecimento histórico, geopolítico, linguístico, religioso. Não previmos o 11 de Setembro e a Primavera Árabe. Orgulho-me de ter dito claramente, em novembro de 2001, que o conflito no Afeganistão não poderia ter uma solução exclusivamente militar.

**IHU On-Line – A que se deve o estereótipo largamente divulgado de árabe como sinônimo de terrorista? As pessoas das localidades onde você esteve sabem que no Ocidente essa é, em grande medida, a visão que se têm deles?**

**Luiz Antônio Araújo** – Trata-se de uma visão profundamente arraigada na mentalidade daquilo que chamamos de Ocidente. Na Divina Comédia, Dante reserva a Maomé o nono círculo do Inferno, onde cismáticos e semeadores de discórdia recebem um horrível castigo. Na época, o Islã era visto como um cisma do cristianismo. Eram tidos como divisionistas, criadores de caso, eternamente envolvidos em lutas intestinas. Depois, passaram a ser pintados como primitivos, misteriosos, sensuais, prisioneiros dos instintos e das paixões. Essas foram as características associadas aos árabes pela Europa moderna, de Coleridge e Goethe a Marx e Rimbaud. No final do século XX, passaram a receber o rótulo de terroristas, fanáticos e suicidas. Essa visão estereotipada só se torna problemática para os árabes que imigram para os Estados Unidos, a Europa ou a Austrália.

**IHU On-Line – Havia censura à imprensa na época em que você cobriu o conflito? E hoje, qual é a situação naqueles países, inclusive sobre acesso a redes sociais?**

**Luiz Antônio Araújo** – No Paquistão, os cerca de 3 mil jornalistas estrangeiros tiveram relativa liberdade de locomoção, mas obviamente o país vivia sob uma ditadura militar, havia censura nas redações e jornalistas processados e intimidados. Em janeiro de 2002, pouco depois da proclamação de vitória de Bush no Afeganistão, o jornalista americano Daniel Pearl, do The Wall Street Journal, foi

sequestrado, torturado e executado em Karachi. Não se tratava, portanto, de um ambiente propício ao exercício do jornalismo. Ainda hoje é um dos países mais perigosos do mundo para repórteres. Durante a Primavera Árabe, a situação foi mais violenta. Muitos jornalistas foram mortos no Egito e na Síria, e centenas de outros foram agredidos e presos, como ocorreu comigo no Egito, em fevereiro do ano passado. As redes sociais continuam sendo uma válvula de escape para o descontentamento.

**IHU On-Line – Qual é a situação atual no Afeganistão e Paquistão? Como as comunidades vivem em meio a um território ainda ocupado?**

**Luiz Antônio Araújo** – A situação no Afeganistão é de instabilidade e insegurança. Do ponto de vista econômico, o país não está muito melhor, a não ser nos aspectos que de alguma forma interessavam às forças de ocupação, como as estradas – o Afeganistão tinha, há pouco tempo, a mesma extensão de estradas asfaltadas que o Rio Grande do Sul. Evidentemente, as etnias minoritárias temem o retorno do Talibã, mas entre os patanes, predominantes no sul do país, o Talibã não é visto como um elemento estranho. Eles continuam controlando algumas regiões, e mesmo no Departamento de Estado há uma corrente que defende um acordo com o Talibã que permita a retirada americana. Note-se que desmantelar o Talibã (que havia dado abrigo a Bin Laden e à Al Qaeda) era um dos objetivos da Operação Liberdade Duradoura.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Luiz Antônio Araújo** – Meu livro, *Binladenistão* – um repórter brasileiro na região mais perigosa do mundo, analisa em detalhes as questões tratadas nesta entrevista e pode ser útil para esclarecer alguns pontos. Nesse livro, recapitulo os aspectos centrais da cobertura do pós-11 de Setembro pelo Grupo RBS, da qual participei como enviado à região do conflito. A obra foi finalista do 52º Prêmio Jabuti de Literatura, em 2010.